

AGÊNCIA
TEATRAL

DIÁRIO MUNDIAL

N.º 22 — ANO I — 9 DE DEZEMBRO DE 1947



O EMPRESÁRIO:
Eu bem sei que o
ordenado é pe-
queno... Mas há
sempre umas ho-
ras extraordiná-
rias.

ATENÇÃO

PROSADORES!

Chegou a altura de todos os novos humoristas portugueses poderem mostrar o seu valor literário.

RISO MUNDIAL a partir desta data, recebe todos os contos que os estimados leitores nos queiram remeter desde que não ultrapassem página e meia dactilografada a dois espaços.

Os originais manuscritos devem ser bastante legíveis.

Ao melhor conto será atribuído o prémio de 300\$00, havendo menções honrosas, etc..

É este o momento de todos os jovens humoristas portugueses poderem dar um arzinho da sua graça e verem os seus trabalhos transformados em letra de forma.

Mãos à obra, rapaziada! Trezentos escudos ainda são trezentos escudos!...

Enviem-nos a vossa graça o mais rapidamente possível porque muito em breve, depois de sujeitos a leitura e atribuídos os prémios (massaroca ou menção honrosa), começarão a ser publicados.

Saúde, laracha

...e Saramago!

• D O I D I C E S •

— Senhor director, trago-lhe aqui uma novela que lhe vou ler... se me dá licença...

— Agora...

— Sim, agora mesmo vou ler para V. Ex.^a...

— Mas eu...

— Claro, para o jornal que V. Ex.^a superiormente dirige...

— Não tenho tempo...

— ...«A Vida Amorosa de D. Clotilde»!

— Por favor eu tenho muito que fazer!...

— ...Primeiro capítulo! Era uma manhã de outono. As folhas caíam das árvores...

— O' senhor, passe por cá noutra ocasião!

— ...e o vento assobiava uma melodia encantadora...

— Oiça, cavalheiro!... Não estou para o aturar!!!

— D. Clotilde bordava à janela...

— Valha-me Deus! Cavalheiro, cavalheiro... está a ouvir?!

— ...enquanto as lágrimas lhe corriam até ao queixo...

— Irra que você é pior que um elefante!... Pare... pare!

— E ela bordava sempre. A chuva começou a cair. Ouviu-se um relâmpago e ela chorava e bordava, bordava e chorava...

— Com seiscentos milhões de demónios! Mas este homem não poderá ir bordar para outro lado?!

— ...A imagem dele não lhe saía da nuca! Ela amava-o apaixonadamente. Pôs os olhos em alvo e... e continuou a bordar...

— Valha-me o São Bernabé!

— Como ela estava triste, a pobrezinha! Está a gostar senhor director?... Bem, isto é apenas o princípio. Se não se importa passarei à tarde por aqui... aí às 4 horas e ler-lhe-ei o resto!... Até logo!

— O' Eduardo, Eduardo!...

— Diga, senhor director.

— Compre-me um bilhete para o rápido das 3 e meia.

Don Tara



NO CONSULTÓRIO

— Gosta de beber?

— Oh, sim! Mas não se incomode, doutor...



Instantâneo do nosso detective particular Mr. PIPE que acaba de chegar no «Clipper» e vem descobrir o autor do roubo dum botão de colarinho, desaparecido ao nosso director.

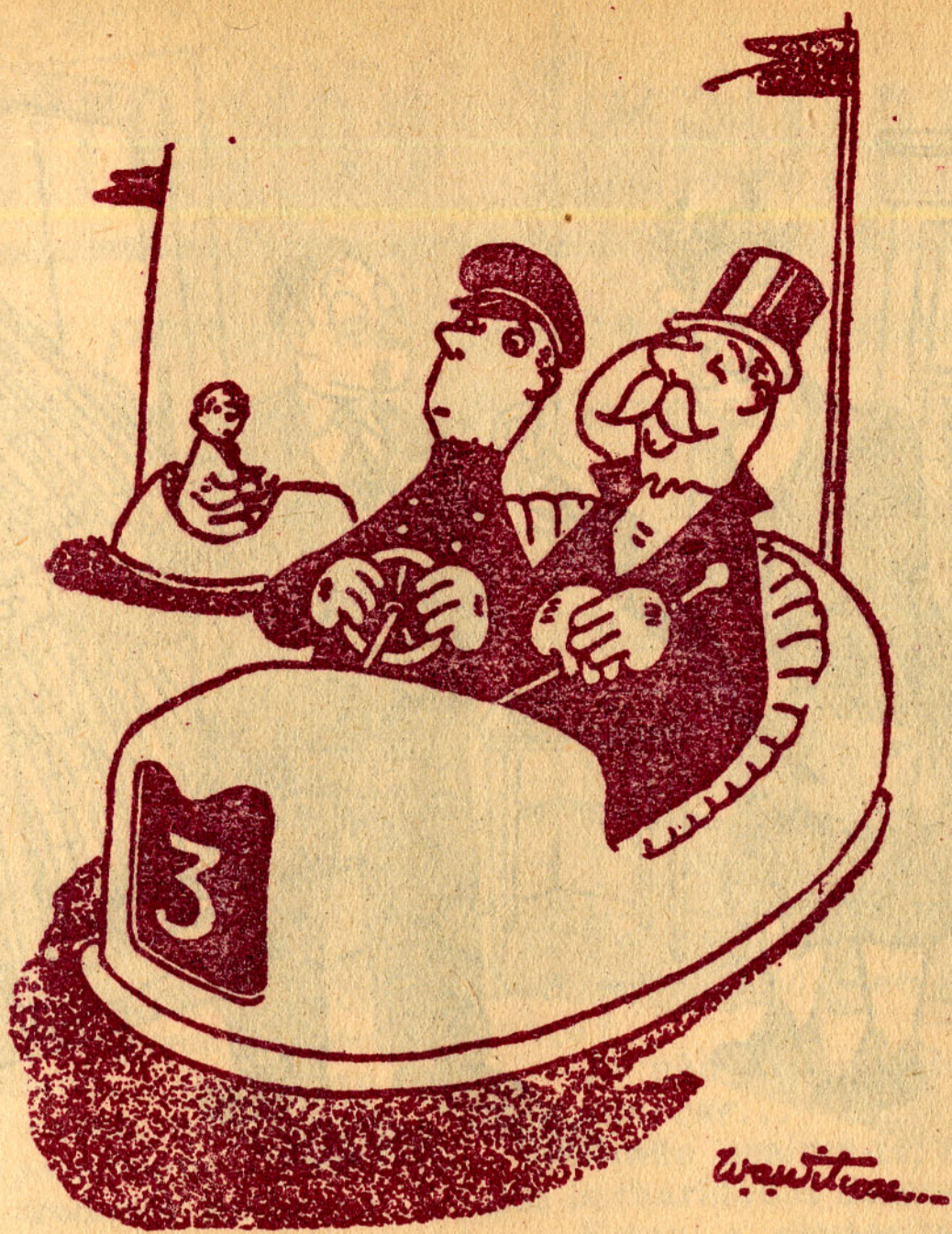
Aí vai a resposta

D. Costeira (Ponta Delgada) — *Cá recebemos a sua carta que agradecemos. Quanto às piadas do «Riso» poderá aproveitá-las para os seus jornais, dizendo de onde são, claro!... E, quando quiser alguma coisa nós, cá estamos. Muitos e muitos cumprimentos.*

Celestino d'Almeida (Cova da Piedade) — *Pode mandar todas as graças que quiser, desde que tenham graça e que não sejam graças tão com-*

pidas que os transformem em desgraças. Quanto às assinaturas a prestações, compreenderá que nós não somos prestamistas! Um abraço do Saramago.

Augusto Luiz R. Guimarães (Porto) — *Tomamos a devida nota para a caderneta do concurso «Esqueletos no Ar». Brevemente a receberá. Obrigado pelas palavras elogiosas ao nosso jornal. Saramago cumprimenta.*



NO PARQUE MAYER

Memórias dum detective

3

O Inspector ligou o aparelho dizendo que um perigoso caso de sabotagem requeria a minha presença.

Era preciso apanhar o expresso e seguir imediatamente para aquele local. Dirigi-me para a estação munido duma chave de parafusos, um limpa-unhas e uma pilha eléctrica. A sabotagem durante esse mês fôra o assunto de todas as conversas. Primeiro uma ponte que desapareceu, depois um dancing que se incendiou (havia muito calor lá dentro!). A fábrica de chapéus de chuva of Saint Umbrella explodiu com uma bomba de relógio de sol. Do orfanato para menores de 70 anos, desapareceram 300 lençóis. Um barco transportando pilolitos e gasosas fora para o fundo e a energia eléctrica do Good (by Mr. Shispe of down fora para o maneta. Os sabotadores haviam dinamitado o dique e os habitantes da cidade ainda não podiam dar à luz... eléctrica sendo obrigados a usar o petróleo e o carboreto.

Enfim, a sabotagem sabotava o cérebro de toda a gente.

Quando me meti no comboio comecei a pensar se não seria mais previdente ir a pé não fôsse o expresso arrebitar em qualquer altura.

A meu lado seguia uma velhota que lia o «Die Leipzug brüsh over Hunt spreitz deuttsche und Hebnergrass» — jornal cujo título ocupa duas páginas.

Não sei porquê mas veio-me à ideia que aquela velhota

com cara de lampreia poderia ser uma *espia-sabotona*.

«E se eu a assassinasse» — comecei a meditar — «Não, vamos ver em que param as modas!»

A velhota, de quando em quando, tomava apontamentos num livrinho. Cheguei-me mais para ela e revirei um olho a ver se descobria qualquer coisa.

— Nunca viu?

Enguli em seco e fiz cara de parvo. Muito custa a ser detective. Então, a velha, já não despregou os olhos de mim e eu não sabia já para onde olhar.

Era mais que certo que aquela mulher tinha qualquer relação com os últimos casos de sabotagem.

Peguei num papel e escrevi: «SABÃO». Psicologicamente aquela palavra havia de lhe modificar o semblante. Ela leria sabão e estremeceria com a ideia da sabotagem.

Pus-lhe o papel à frente dos olhos e a maldita da velha saiu-se com esta:

— Não tenho!... Lavasse-se em casa!

Como era descarada a velhota!

Roguei-lhe algumas pragas em voz baixa.

Daquele modo não saberia nada. Resolvi actuar diplomaticamente:

— V. Ex.^a fuma?

Ela olhou-me de soslaio e articulou também diplomaticamente:

— Quem fuma é a sua avó!

Encolhi os ombros e fingi contar dinheiro que era uma coisa que eu não tinha.

(No próximo número continua a minha desgraça!)

O CANDELABRO

Por ANTON TCHEKOV

Levando debaixo do braço um objecto embrulhado no número vinte e três de «Notícias da Bolsa» Sacha Smirnov, filho único de sua mãe, penetrou no consultório do dr. Kochelkov.

— Então, meu rapaz! — exclamou o médico — Então, como temos passado? Que contas de bom?

Sacha piscou o olho e disse com voz comovida:

— Minha mãe envia-lhe muitos cumprimentos e incumbiu-me de lhe agradecer... Sou filho único da minha mãe e o senhor salvou-me a vida... O senhor salvou-me duma doença perigosa e nós não sabemos como lhe agradecer.

— Não falemos nisso...

— Sou o filho único de minha mãe... Somos pobres e, sem dúvida, não estamos em condições de pagar os seus bons serviços! Contudo, a mamã e eu... seu filho único, suplicamos-lhe que aceite este bronze antigo, esta notável obra de arte...

— Não está certo...

— Não, rogo-lhe que não recuse!

Sacha tirou o objecto que colocou sobre a mesa. Era um candelabro de tamanho natural, artisticamente trabalhado. Figurava um grupo: no pedestal erguiam-se duas figuras femininas, vestidas de Eva e em atitudes que eu não saberia descrever... nem teria coragem para isso.

Ao ver o presente, o médico coçou atrás da orelha e tentou recusar a oferta alegando que as figuras eram livres de mais... e que os filhos brincavam perto e além disso recebia ali muitas senhoras!...

Mas Sacha alegou tratar-se duma obra de arte. E rematou:

— Só é pena que não esteja completo... ficaria o par, mas o meu pai vendeu-o!

Quando Sacha, filho único de sua mãe, saiu, o médico pensou a quem oferecer aquilo, pois de

modo algum, poderia conservar aquelas figurinhas tentadoras na sua respeitável casa.

Lembrou-se do advogado de cujos serviços ele se utilizava. Foi ter com ele. Este ao ver o candelabro riu como um perdido. E por fim recusou dizendo que recebia lá os seus clientes e que era estorvante por causa da criada. Mas já o médico se safara pela porta fóra deixando lá o presente.

Então, o advogado, deu voltas ao miolo para se desfazer daquilo.

Por fim resolveu-o oferecer ao comediante Chamekin. O seu camarote, nessa noite, foi tomado de assalto para verem o presente; enfim, um tumulto de gargalhadas. Mas, quando à noite o comediante se despediu dos amigos pôs-se a pensar que morava numa casa de família, que recebia artistas, etc.

— Existe no bairro uma velha mulher que compra bronze antigo. Vá e pergunte pela senhora Smirnov — aconselhou o cabeleiro de Chamekin.

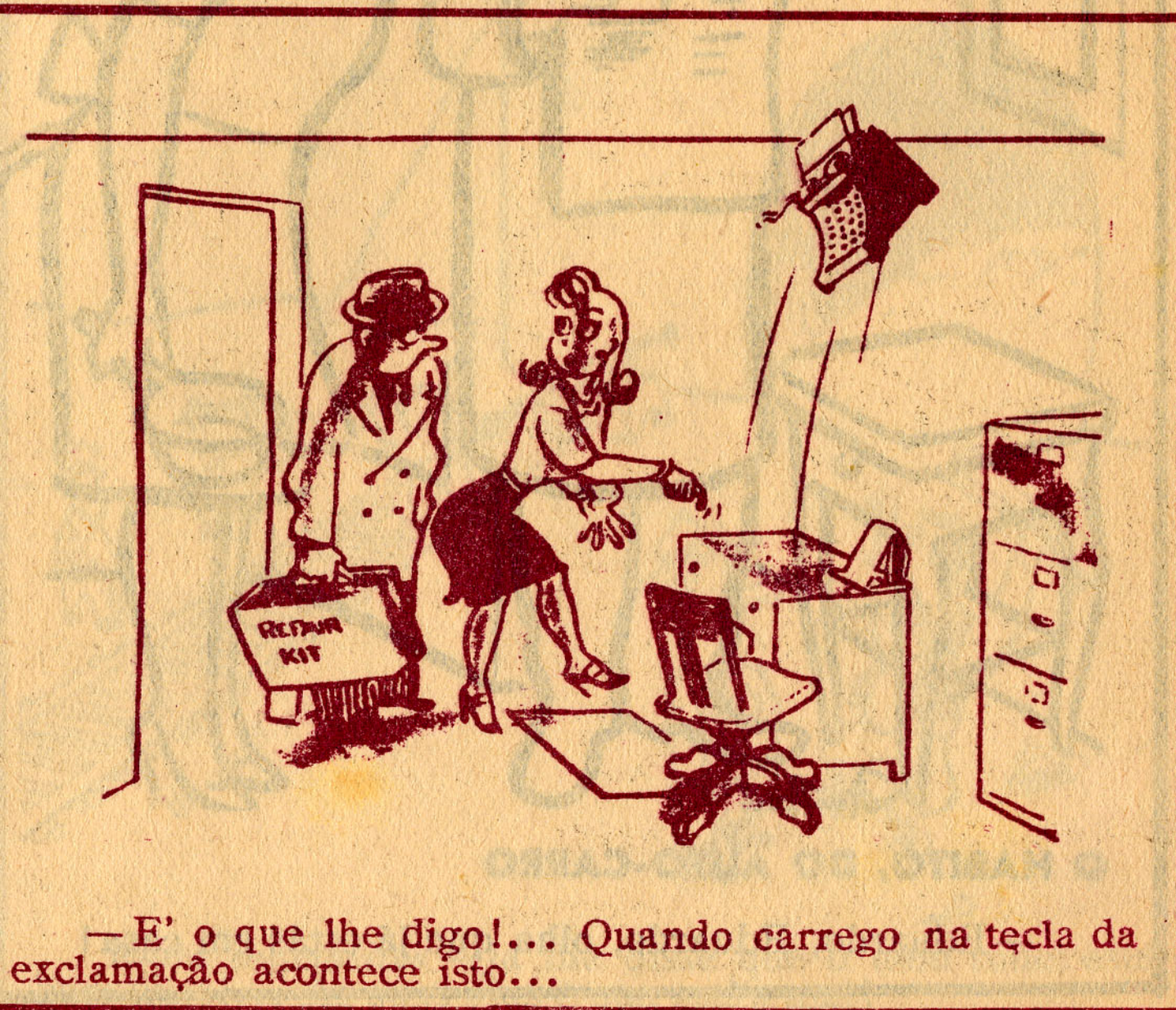
O actor seguiu o conselho.

Dois dias depois o dr. Kochelkov, com um dedo na testa meditava sobre os ácidos biliários. De súbito a porta abriu-se e Sacha Smirnov entrou. Sorria radiante. Trazia na mão qualquer coisa embrulhada num jornal.

— Doutor! — começou ele arrojante — Por felicidade conseguimos adquirir o companheiro do seu candelabro. Minha mãe está contentíssima!... E eu também, seu filho único... O senhor salvou-me a vida... Tome, senhor doutor!

E Sacha, trémulo de gratidão, colocou o candelabro em frente do médico. Este abriu a boca, quiz falar, mas não pôde emitir um som: tinha perdido o uso da palavra.

(Dos mais belos contos humorísticos, satíricos e jocosos)



Tá bem ou não tá?

(Diferenças entre o homem e a mulher)

por J. BENTO MACHADO

1.º) O homem pensa — A mulher dá que pensar.

2.º) O homem sente e não chora — A mulher chora e não sente.

3.º) O homem sofre — A mulher faz sofrer.

4.º) O homem vai ao teatro fazendo parte dos espectadores, para ver a peça — A mulher vai ao teatro fazendo parte da peça para ver os espectadores.

5.º) O homem entra em qualquer parte e pergunta: «Está fulano?» — A mulher entra em qualquer parte e diz: «Aqui estou eu!».

6.º) O homem tem uma especialização — A mulher é a especialização do homem.

7.º) O homem exige menos do que merece — A mulher merece menos do que exige.

8.º) O homem crê — A mulher aparenta crer.

9.º) O homem parece pior do que é — A mulher é pior do que parece.

10.º) O homem razona — A mulher dá gritos!

Em consequência: — O que é o homem? — O que a mulher quer!

RESULTADO: — A mulher é um bicho de pêlo comprido e entendimento curto!

O homem que perde uma mulher, não sabe o bem que ganha!

Se sem a mulher não se pode viver, com ela muito menos!

CONCLUSÃO: — O homem propõe — Deus dispõe — A mulher tudo descompõe!...

A mulher compreende as quatro regras da aritmética: — **SOMA** desgostos — **SUBTRAE** alegrias — **MULTIPLICA** gastos — **DIVIDE** opiniões. A mulher é como o papel secante, as poucas palavras que copia, fá-las ao contrário!

RESUMO: — Não ha melhor **VIDA** do que a do homem só, levando-a bem, claro está! E perguntamos: «**TÁ BEM OU NÃO TÁ?**»



— Madame, queira experimentar ali o chapéu!

AS NOSSAS AULAS

Como se acusa e como se defende

Os extremos tocam-se e é bem certo. Acusar e defender eis no que se resume a advocacia, uma das mais nobres e humanas actividades existentes neste mundo tão cheio de injustiças e roubalheiras.

Ingrata tarefa a do advogado, cuja eloquencia tanto põe pela rua da amargura o maior pirata que o sol cobre como abre, de par em par, as portas do cárcere à inocente vítimas das aparências.

Jus est ars boni et æqui, que, trocado em miudos, quer dizer: o direito é a arte do bom e do justo.

Por isso, o curso de Direito é dos mais frequentados e creiam, meus caríssimos alunos, que tenho o máximo prazer em os ver aqui, nesta aula, ansiosos por beber na minha erudição os conhecimentos que tanta liberalidade lhes transmito sem a mais tenue sombra de interesse material.

Educar é um grato dever. E em questões de dever, eu não tenho a veleidade de esconder as arremetidas constantes dos meus insaciáveis fornecedores. Adiante...

Dizia eu que o Direito tem inúmeros adeptos. De facto, acusar um celerado e defender uma alma pura são coisas dignas de todo o elogio.

Portanto, só tenho que os felicitar pela bellissima ideia que tiveram em preferir este curso.

Entremos, pois, na matéria em que puz — matéria puz?... — todo o ardor da minha erudição...

Ora, muito bem:

Se dentre vós, existe alguém que tenha memória de alho chocho, desde já o aconselho a procurar outro officio, visto que, para se exercer a profissão de advogado, é necessário saber de cór e salteado os códigos, as leis, os decretos e respectivos aditamentos.

Os artigos, os parágrafos e as alíneas tem que estar sempre presentes no cérebro do homem de leis. A mais pequena falha de memória pode provocar a perda de uma causa. *Cessante causa, cessat effectus*. E os efeitos seriam desastrosos — para o cliente, já se deixa ver — pois, como é sabido, nas causas perdidas o único que não perde é o advogado porque já lá tem o dinheirinho dos preparos...

Um advogado que acusa também pode defender. E o mais interessante é que consegue tomar estas duas atitudes perante o mesmo delinquente.

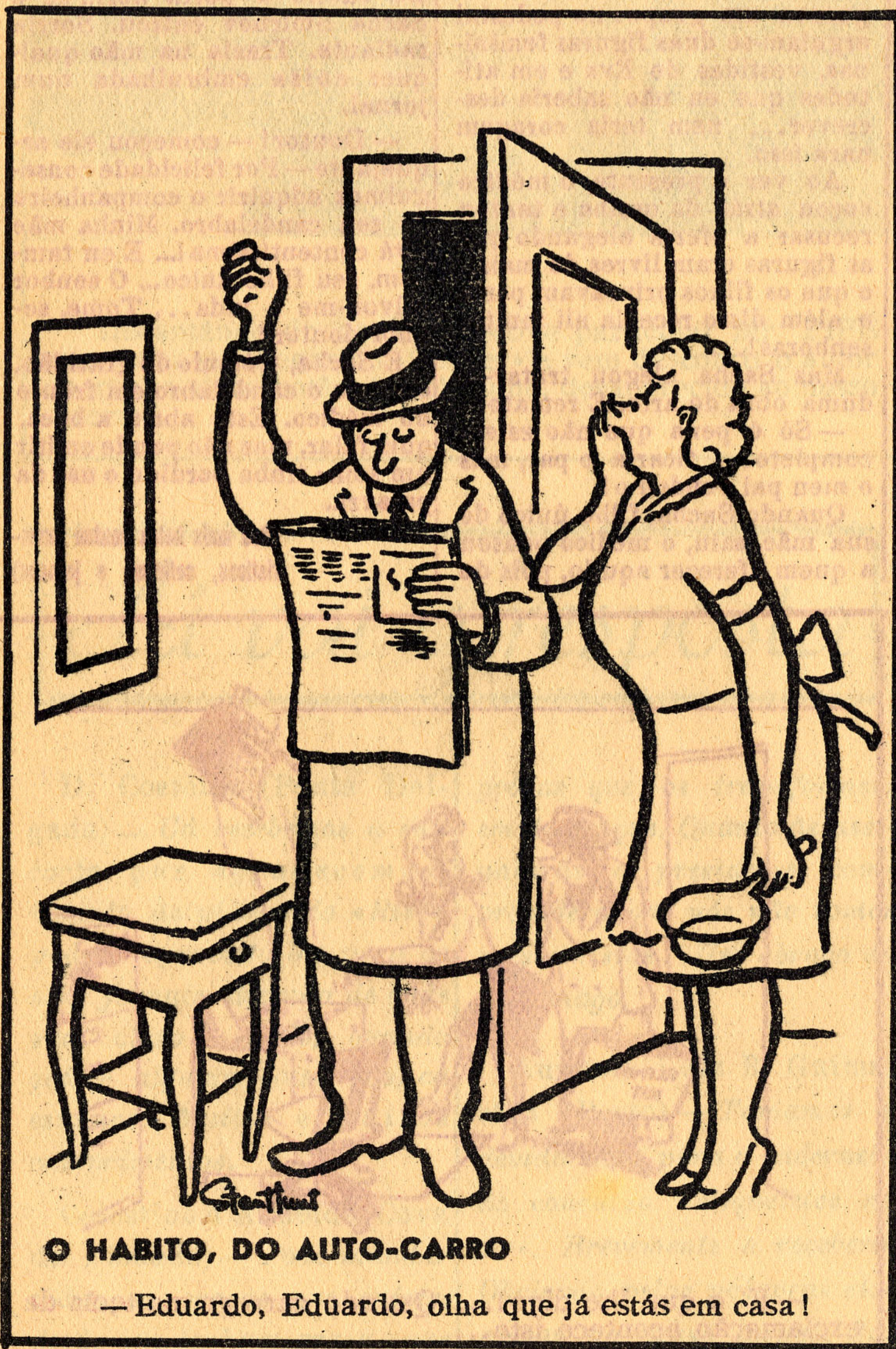
Exemplifiquemos!

Um bêbedo incorrigível chega a casa, entre as 10 e as 11, vai direitinho ao leito conjugal, puxa de uma navalha e vibra um golpe mortal de quinze centímetros de profundidade nas carótidas da mulher.

O criminoso é preso e no dia do julgamento ouvimos o advogado proferir o seguinte libelo de acusação:

— Não se justifica que o reu, ganhando tão pouco, fôsse

(Continua na pág. 11)



O HABITO, DO AUTO-CARRO

— Eduardo, Eduardo, olha que já estás em casa!

Contrastes familiares

Diálogo pouco aconselhável a menores e a pessoas com a carne cheia de nervos...

— Está?! O sr. Godofredo Piaçaba está?

— Sou eu proprio...

— Ah, és tu? Daqui fala o Dionísio Caroco...

— Eh, pá! Ha quanto tempo não apareces... Por onde tens andado?

— Olha, filho, a verdade é que me sucedeu uma tragédia, e tenho estado tão obsecado com os seus efeitos, que procuro não avistar ninguém conhecido.

— Oh, diabo... Isso é mau...

Com que então, uma tragédia, hein?! Apareceu-te algum dos teus 327 credores antigos?...

— Não.

— Propuseram-te algum negócio de automoveis?...

— Não.

— Então... casaste-te!

— Efectivamente... Casei em 1945 com uma viuva que tinha uma filha com 22 anos...

— E a filha, ainda é viva?

— Para meu azar, ainda é...

— Nesse caso, guarda-a para mim.

— Mas tu já és casado...

— Não, sou viuvo; matei minha mulher uns dias depois do meu casamento.

— ?!?!?!?

— Imagina que ela era uma mulher desmontável...

— Adorável, queres tu dizer...

— Não, não... desmontável. Calcula... quando se ia deitar,

tirava um braço e punha-o dentro de um gavetão; depois, tirava o outro, e colocava-o no mesmo lugar; em seguida, ante o meu pasmo e terror, tirava as pernas e punha-as dentro do mesmo gavetão, etc., etc.

— E tu?... Que fazias?

— Eu?... Em lugar de me meter na cama, metia-me também no gavetão...

— Ah!

— Mas como essa situação era 100% ingrata, acabei por assassiná-la, obrigando-a a ler dez livros de Max du Veuzit por dia... Bom, mas continua a contar a tua tragédia.

— Pois, como ia dizendo... Sucede que meu pai, que ia visitar-nos a miude, apaixonou-se pela minha enteada, e casou com ela.

— Ora abborra... e eu que já estava com umas esperanças...

— Minha mulher ficou sendo, portanto, sogra do seu sogro, e o meu pai... meu enteado.

— Isso não deixa de ser original, não senhor.

— Ah, mas não é tudo...

Tempos depois, minha madras-ta, filha de minha mulher e magnífica portentora de duas graciosíssimas pernas perpendiculares ao solo, teve um filho...

— Não me digas que salu marreco...

— ... Que ficou a ser meu irmão por ser filho do meu pai, e meu neto por ser filho da filha da minha mulher...

— Diz isso mais devagar, a ver se eu entendo alguma coisa.

— Por isso, eu sou avô de meu irmão...

— Tu o que és, és maluco! Não terias bebido demais ao almoço?

— Já não me recordo do que seja almoçar...

— Então acalma-te, e não digas barbaridades dessas.

— Estou a contar-te a verdade. Mas o que ainda mais me preocupa é que, meses depois, minha mulher teve um filho, pelo que minha sogra se tornou irmã do meu filho e também sua avó... porque ele é filho do seu enteado...

— Desgraçadinho... Muito triste deve ser uma pessoa ter nascido filho...

— Meu pai é cunhado do meu filho porque a irmã deste é sua mulher, e eu sou irmão do meu próprio filho, que também é filho da minha avó...

— Mau, mau, mau! Então tu casaste com a viuva, ou com a tua avó?!

— Nada disso... porque não prestas maior atenção?

— E' que não estou habituado a cocktails dessa natureza...

— Bom, mas sabes, afinal, qual a minha preocupação... a minha grande tragédia?

— Cálculo... talvez não tenhas dinheiro para sustentares toda a família.

— Não... E' que agora, como sou cunhado de minha madras-ta, minha mulher é tia do seu próprio filho, o meu filho é sobrinho do meu pai, e eu...

— Tu és «chanfrado» da cabeça...

— Eu... sou avô de mim mesmo.

— Cala-te, por favor... Deixa-me beber um copo de água, para ver se retempero os nervos... Ouve cá: porque não te suicidas?

— Foi o que eu fiz a semana passada...

— Não brincas... lembra-te que eu sou cardíaco.

— Falo a sério... Matei-me a mim proprio, deixando-me adormecer debaixo do rodado de um electrico, e agora eu já não sou eu...

— ??????

— Agora, sou o meu avô...

(O telefone endoideceu, interrompendo este dramático diálogo).

P. da C.



— E agora, Mrs. White Blanca de las Nieves vai cantar a «Melodia Branca»!

RECEITAS DE MESTRE CALDEIRÃO

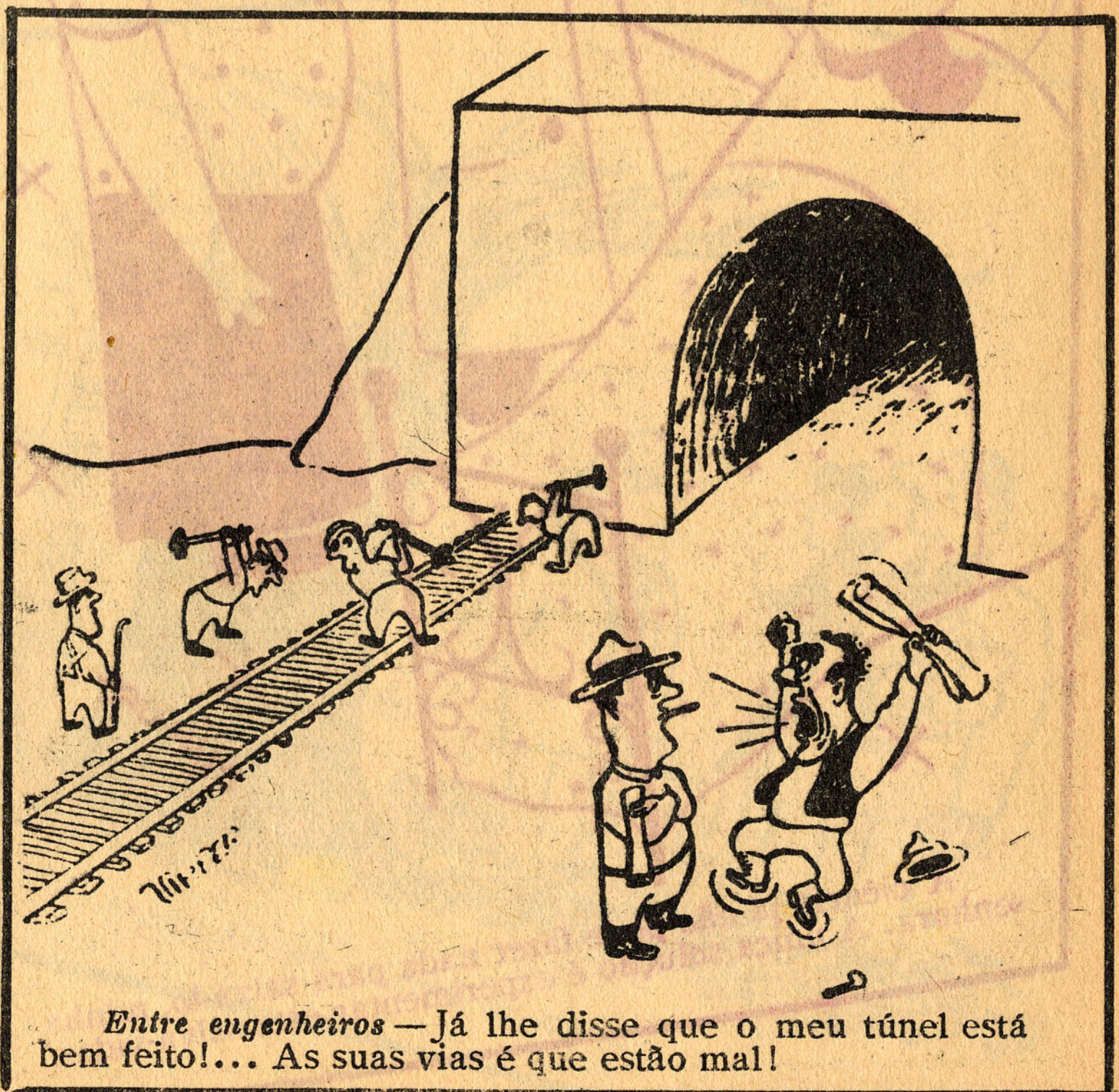
PUDIM DE CASTANHA

Coze-se um quilo de castanhas sem casca nem bicho num litro de água sulfurosa. Estando cozidas, passam-se pelo sistema de rifas, juntam-se duas claras de ovo de avestruz e cinco quilos de açúcar do mercado livre. Manteiga não ha mas substitue-se por banha de cacau. Vai

ao forno como poderia ir a outra parte.

Serve-se quente. Tão quente que a sogra, ao comer a iguaria, exclamará para o genro: — O' sua besta!...

Nessa altura, sentir-se-ão os efeitos da castanha.



Entre engenheiros — Já lhe disse que o meu túnel está bem feito!... As suas vias é que estão mal!

"ESTA DESPEDIDO!"

por SANTOS FERNANDO

ENCONTRAVA-ME em Paris com o «Larousse» debaixo do braço e uma bengala de Macarájá na mão direita. As pessoas atravessavam os «boulevards» conservando uma peculiar cara de idiotas. Os seus rostos eram graves como se pensassem em transcendentes problemas da metafísica mas nos seus cérebros apenas haviam ideias absurdas como na maior parte dos outros cérebros dos outros seres humanos.

As madames e as mademoiselles cruzavam-se, miravam-se e invejavam-se. As madames invejavam a juventude das mademoiselles, estas os casacos finos e as joias das madames: um perfeito turbilhão de invejas!

Passou um cachorro preso por uma tira de cabedal — um ótimo coiro da Rússia. E, eu, logo pensei se aquele cabedal a segurar-me as calças, onde ha muito deixara de usar cinto, não fariam mais bonito efeito!

Dois senhores impertigados, chapéus à diplomata, luvas à diplomata, charutos à diplomata, cumprimentaram-se, ficaram a falar em voz baixa. Logo a seguir passaram mais três sujeitos que também pararam, que também sorriram e cruzaram também as mãos. Mais dois cavalheiros que chegam. Mais cumprimentos, mais sorrisos, mais apertos de mão.

— Parece que estamos num ministério, não acha? — disse uma voz a meu lado.

— Não — respondi. — Parece que estamos no Gremio dos Armanzenistas de Bacalhau!

E arremessei com toda a força o dicionário «Larousse» à cara do meu criado que me havia aborrecido durante o caminho inteiro e o qual ou havia esquecido literalmente, por uns escasos momentos de devaneio.

— Estás despedido!...

E enfiei-lhe a bengala pelo olho direito indo sair pelo esquerdo.

Era o decimo criado que despedia naquela semana. Nenhum me agradava, todos eram parvos. Em todas as cidades do globo encontrava criados idiotas.

Em Praga fora Alexis: era surdo, tinha reumatismo e era de compreensão retrógrada. Pedia-lhe um bife trazia-me caviar; mandava-o levar uma carta à uma hora e trazia a resposta à meia noite.

E, só conseguiu compreender que eu abominava as gravatas mal passadas a ferro e os bifes em sangue três dias depois de o precipitar da janela do 15.º piso do Hotel Ranversy.

Em Roma, Tito Varolla, de 40 anos, filtrado, zarolho e atacado de sarampo duas vezes por quinquena. Mais azela que uma

paragem de «electrico» tinha a inconveniente de não saber conversar e coordenar as ideias. Uma manhã despedi-o pregando-lhe a módiça importância de oito tiros no occipital e pagando-lhe duas horas de ordenado.

Seguiram-se Madrid, Londres e Pekin e em toda a parte os mesmos criados atacados de litafatismo e de particulas de estupidez.

E todos esses eu despedia um após outro até ter de me servir a mim próprio.

Quando cheguei a Paris deu um anúncio. Ao primeiro dia apareceram 80 criados e meio e um era anão. Em cinco minutos tinha despedido todos: uns porque eram coxos e não podiam correr; outros porque eram curtos de vista e não podiam ver aquilo que eu queria que vissem.

Eu necessitava dum criado esperto, que soubesse cozinhar, servir à mesa e perseguir presas femininas, conquistando-as para mim ou, pelo menos, dando-me os dados suficientes para poder deitar a rede... ao mar.

Queriu um criado cosmopolita que não fosse tímido e lavasse os dentes sem ser com pedra pómes. Um criado que averiguasse a sinalética completa duma «Miss», duma «Mademoiselle», duma «pequena» ou duma «Chica».

Mas, se aparecia um criado a cozinhar ótimamente bem, tinha logo o contra de ser miope, ou

poliglota e detective se dignou aparecer. E, uma manhã, apresentou-se-me em casa, barbeado e de cachimbo nos lábios.

«Eis o que me convem» — pensei. E contratei-o depois de saber que se chamava Bonsoir, que desde os 12 anos lia Serlock Holmes, e era campeão dos 100 metros e de luta livre.

Finalmente encontrava um criado esperto sem ser zarolho e sem pretensões para a estupidez. Só tinha o contra de não saber fazer a mais simples refeição que se possa imaginar. Mas isso era o menos e ambos almoçávamos e ceavamos no River, no Pulois ou no Mezogrin.

Era altura do meu criado detective entrar em uso das suas funções visto que eu trazia debaixo de olho umas pernas bem feitas, um perfil bem alinhado, uma silhueta bem constituída. Em resumo um corpo muito bem moldurado que no total constituíam uma beldade que todos os dias à mesma hora passava pela Rua de Klever.

Como havia um café ali próximo, sentava-me, bebia um copo de cidra, bebia a cidra e deixava o copo, claro está, até se dar o contrário como veremos.

«Tenho de saber pormenores», pensei botando contas no futuro.

Ao outro dia, acompanhado do meu criado Bonsoir, perspicaz e detective, sentámo-nos à mesma mesa, do mesmo café, da mesma rua.

E esperámos durante 30 minutos. Até que vi dobrar a esquina aquilo que ali me conservava ha já bastante tempo: era exactamente ela!

Toquei no ombro do meu criado e berrei-lhe:

— Olha, vêς aquela pequena?... E' essa mesma! Quasi que a tenho na mão; vê onde trabalha, a idade, as condições financeiras do pai e as possibilidades de a adquirir.

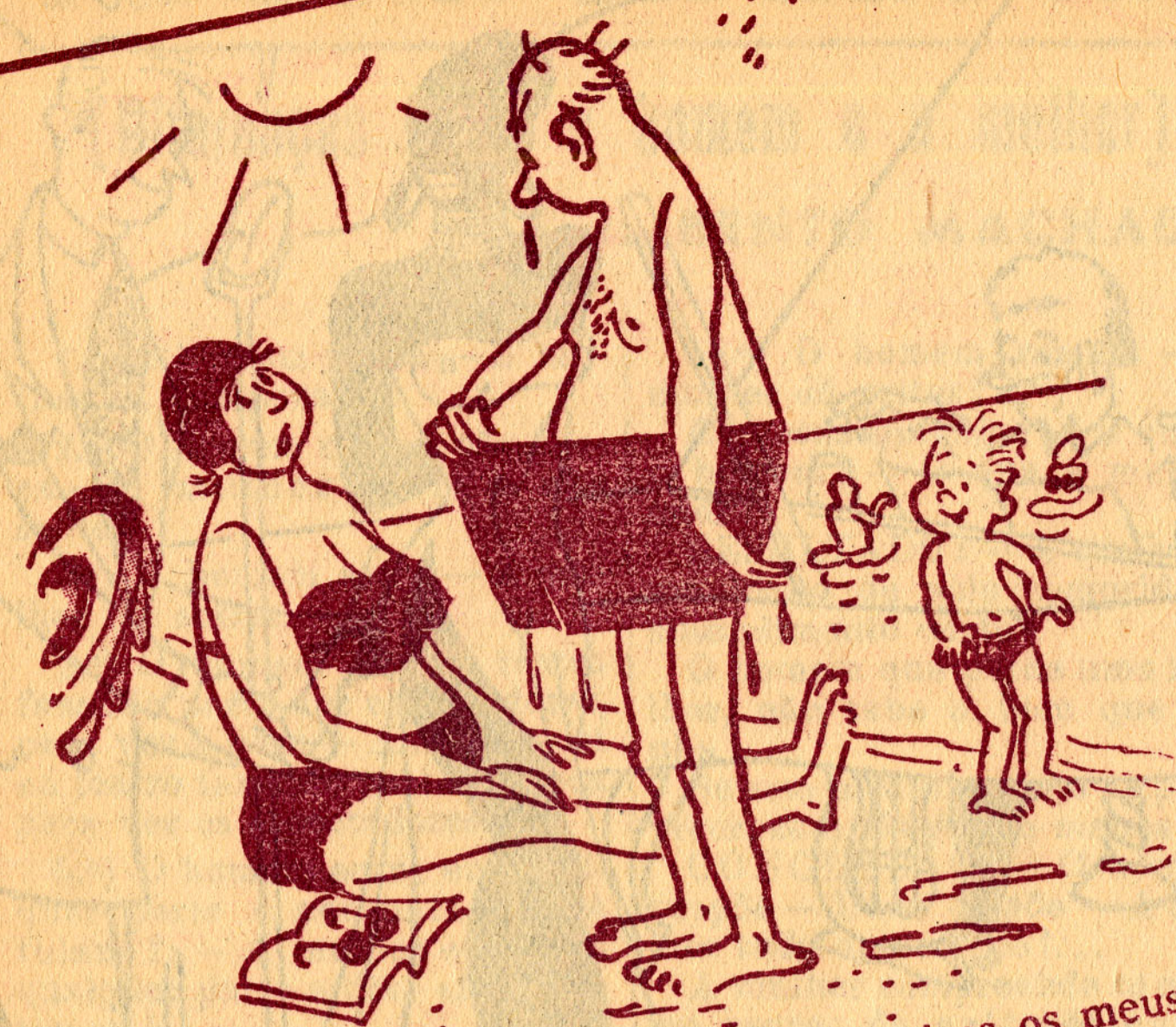
O meu criado perspicaz e detective olhou-me sorridente e quando ela acabou de passar disse-me sem se mover do lugar:

— Chama-se Benoit, tem 25 anos, mora na Rua de Gotte d'Or, n.º 80, o pai morreu duma apoplexia à 14 anos, precisamente no dia 28 de Janeiro de 1901. Ela é dactilógrafa, calça numero 37, detesta canja de galinha, dorme da meia noite às oito, ao dia de semana; e das duas da manhã até às cinco da tarde, aos outros dias. Aprecia Pitigrilli e sabe falar inglês.

— Basta — interrompi maravilhado. — E's melhor que Serlock Holmes. Como consegues saber tanta coisa sem saires daqui?

— E' que ela é minha mulher! Foi nessa altura que bebi o copo e deixei a cidra.

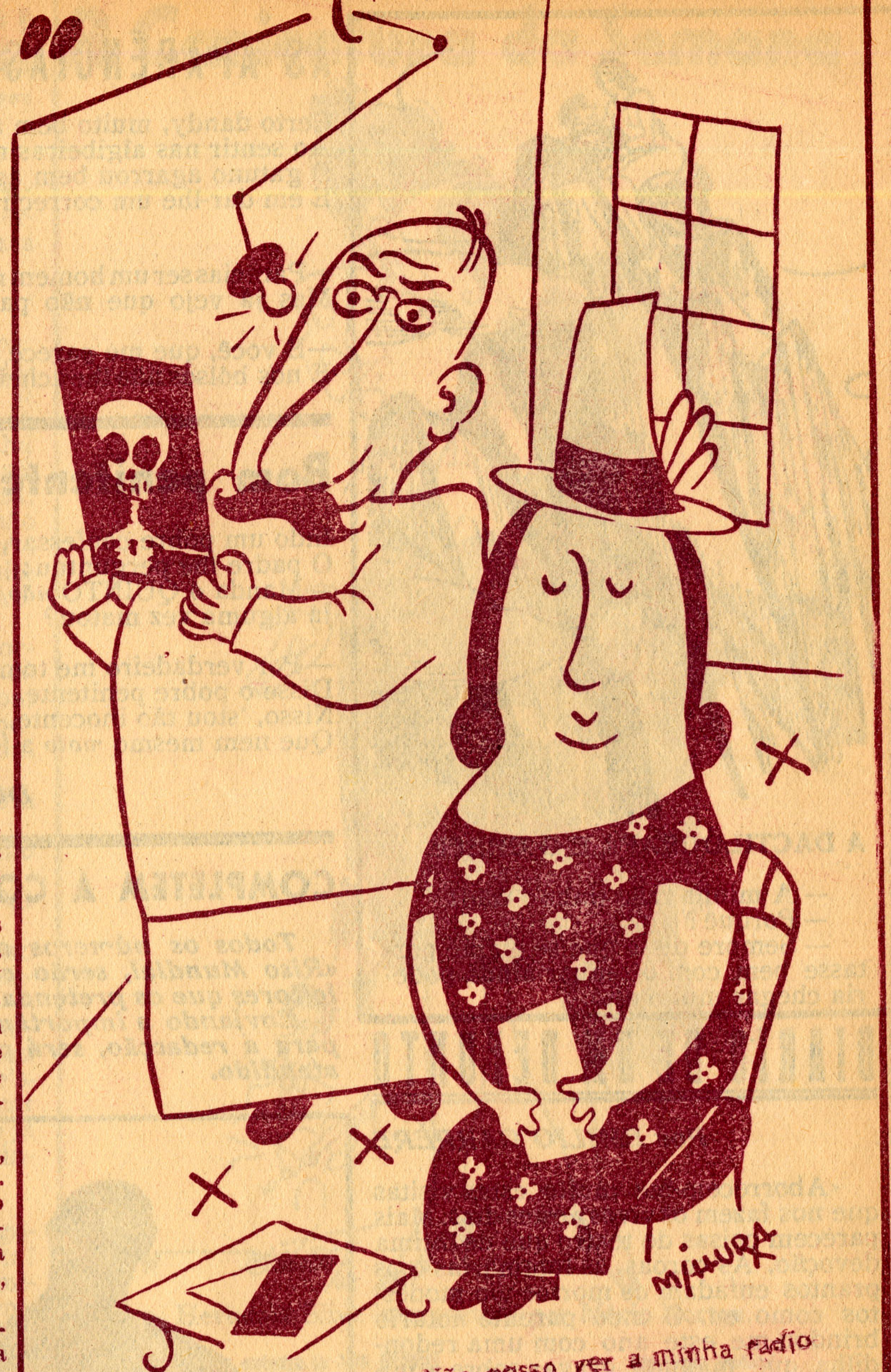
E o meu criado despediu-me!



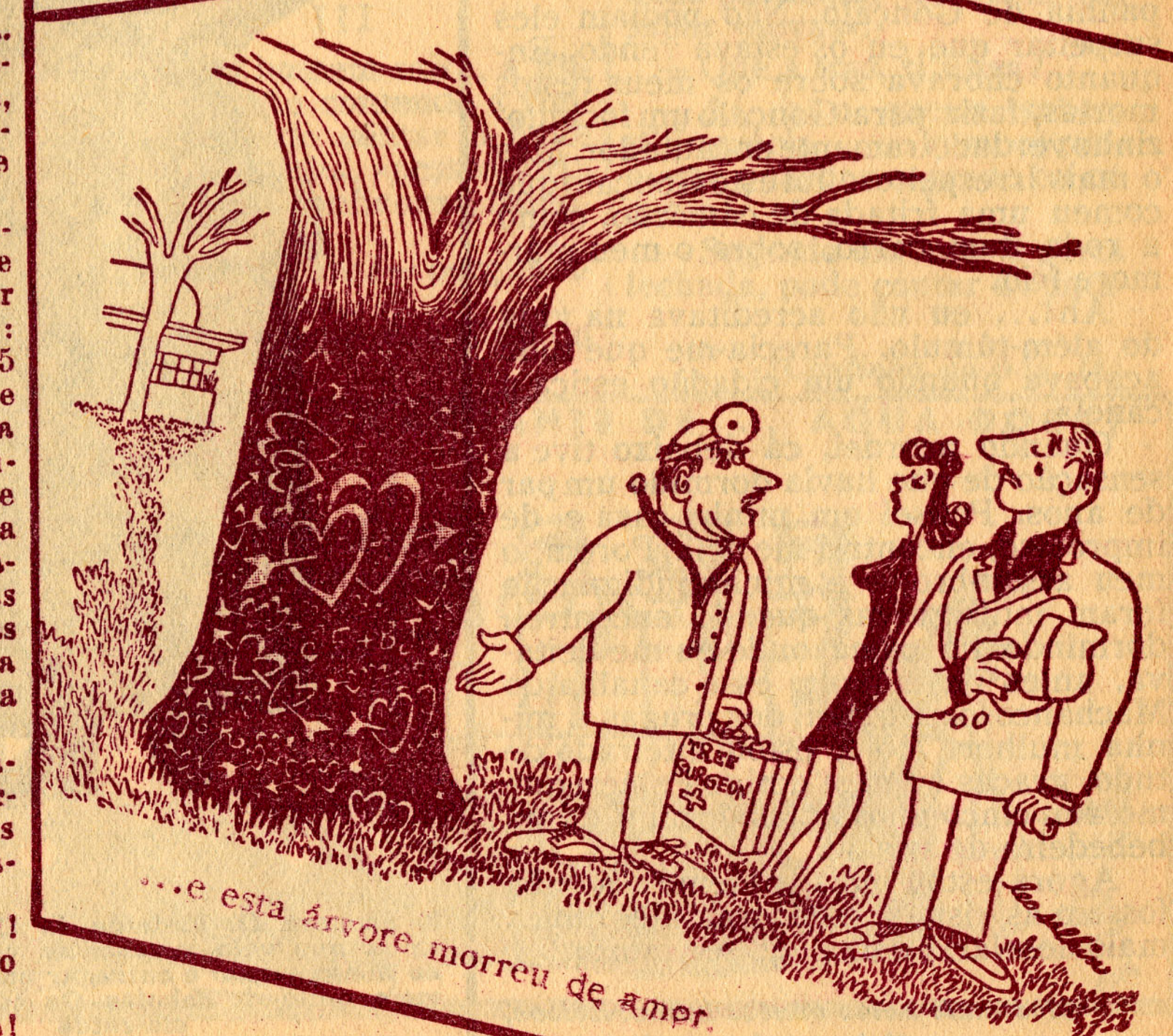
— Oh Maria, que ideia foi essa de vestires os meus calções?



A ciência já não pode fazer nada para salvá-lo, minha senhora. A unica solução é experimentar este salva-vidas.



— Ai, senhor Doutor! Não posso ver a minha radiografia... estou tão mal nela...



...e esta árvore morreu de amor.

SONETOS CÍNICOS

Reflexões de um estudante de anatomia

Anatomia! Ó Deus! Que triste fado!
Ter de estudar tão tenebro conjunto!
De coisas tão detestáveis, onde o assunto
E' sempre o humano corpo de um coitado!

Causa-me nójo, Horror! Ser obrigado
A dar espetadelas ao defunto,
E para quê meu Deus? E' que pergunto
P'ra depois, afinal, ser reprovado?

Uma só coisa é bem-paz, contudo,
De transformar a minha antipatia
E fazer com que eu neste dêsse estudo:

E' pensar no prazer que eu sentiria
Dissecando o cadáver feio, ossudo,
De um velho professor de anatomia!...

MÁRIO NORTON



A DACTILÓGRAFA E O CHEFE

— A minha mãe tinha razão!
— Porquê?
— Sempre disse que se eu me portasse bem com o senhor ainda poderia chegar muito alto.

DIÁRIO DE UM DEFUNTO

Por EMILIO CARRÈRE

«Aborrecem-me muito estas visitas que nos fazem os vivos nestes dias. Mais parecem coisas de teatro que de íntima devoção. As coroas, as luminárias e os prantos enfadam os mortos tão modestos como eu. O meu parente notário brindou-me este ano com uma redondilha que mandou gravar sobre a minha lápide. Este homem é implacável: não se conforma com ter-me arruinado; o seu rancor persegue-me além-túmulo.

Também veio Cecília na gostosa companhia de Gonçalo. Não podiam eles suspeitar que eu os estava vendo. Enquanto chorava sobre os meus restos mortas, fazia para Gonçalo um fofinhozinho verdadeiramente encantador. Mas o mais irrespeitoso foi este Gonçalo que comeu uma fritada de camarão, como a roda dum carro, sobre o meu mármore frio.

Ah!... eu não acreditava na vida do além-túmulo. Parecia-me que tudo acabava quando um cidadão estica a canela.

Quando acordei, cá debaixo tive a sensação de que havia dormido um par de anos. Pensei em minha casa e, de improviso, encontrei-me nela. Porém, o meu assombro e a minha indignação foram indiscretivas quando encontrei, dormindo na cama onde eu me deitava, antes de morrer, esse canalha do Machancoso. Roguei dez pragas a minha mulher. Hoje, estou inteirado de tudo, graças ao meu amigo Peláez, que morreu cinco anos antes de mim, dum a bebedeira de wiskie.

Agora estou mais contente e se não fossem as visitas destes tratantes nunca mais desejaria deixar de ser morto.

(dos mais belos contos humorísticos, satíricos e jocosos)

AS APARÊNCIAS ILUDEM

Certo dandy, muito bem aperaltado, Ao sentir nas algibeiras mão estranha, O gatuno agarrou bem agarrado. E em dar-lhe um correctivo não se acanha.

— Parecias ser um homem muito honrado Mas já vejo que não passas dum ladrão!...

— E você, que me parece afidalgado, E nos bolsos não lhe achei senão cotão?!

Bom penitente

Indo um pobre confessar,

O padre lhe perguntou:

— Manda o QUINTO não matar... Já alguma vez matou?

— Por verdadeiro me tome, Disse o pobre penitente. Nisso, stou tão inocente, Que nem mesmo nato a fome.

DON JUAN

COMPLETEM A COLECCÃO!

Todos os números atrasados de «Riso Mundial», serão enviados aos leitores que os pretendam.

Enviando a importância em selos para a redacção, será prontamente atendido.



A Senhora D. Mafalda da Concelção Saralva que veio apresentar cumprimentos ao nosso jornal e entregar um donativo de meio quillo de cebolas. Os nossos agradecimentos



ELE — Sabe, o meu professor de dança mandou-me dançar sobre a ponta dos pés!

ELA — Dos seus... ou dos meus?

«LA FEMME»

(Traducção livre: Catavento humano)

Por TRILHO Y BLANCO

Os segredos, na boca das mulheres, são notícias de primeira página num jornal de grande tiragem.

Instabilidade paradoxal da situação humana!

Detestas as sogras por tradição; se casares, hás-de vir a detestá-las, por experiência. Mas adoras a tua noiva. Já te lembras-te que um dia também ela será uma sogra?!

Desabafo de uma dama, em frente da vitrina de um ourives:

— Eu dava tudo por aquele anel: inclusivamente, o próprio anel, se o tivesse!

O amor exclusivamente platónico faz lembrar a comida sem sal.

No circo, as mulheres riem dos palhaços, ao vê-los de face caiada e sorrisos de alvaiade.

E não toleram a sombra de um sorriso idêntico, quando se apresentam na rua em iguais preparos!

As mulheres enrolam a pele das raposas à volta do pescoço e guardam-lhes a manha na alma.

Dizia-se, antigamente, como índice de completo despreedimento por todo o mais: «O teu amor e uma cabana» mos hoie torna-se necessário acrescentar? «e 1.500 escudos mensais, para arrendar a cabana!»

O HOMEM QUE «PUNHA» OVOS!

Por ROUSSADO PINTO

I
FOI entre dois cigarros e dois cafés que o meu amigo Fausto contou o que a seguir vou narrar.

Disse ser verídico e recentemente passado entre dois sapateiros, em Alcácer do Sal — vila acorada na margem do Sado, lá para o Sul, onde se diz uma palavra na ponte e uma hora depois, todos os habitantes a comentam.

O mercado, situado à entrada da vila, tem o movimento regular só pela manhã. Naquela dia com o aparecer do Sol por entre um mar de núvens pacas, cor de chumbo, foi uma alegria. Encontraram-se os compadres sapateiros, João das Solas e Toino da Maria, e rijos foram os apertões, fortes as palmadas.

— Nã há quem te beja, home du raio!

— A quem o dizes, João! Tão a família?

— Cá bamos, cá bamos. Sabes que acanteceu ao Chico da Burra?

— Nã, home. Maleita de matar, Tonio?

— Nada disso!, a mulher esgraçou-o!

— Isto de mulheres adentro das portas, só treitadas como os couros — à martelada!

— E' como dizes... é como dizes... — monologou o João das Solas encolhendo os ombros.

— Mas ó final que foi?

— Parece que o Chico mesturava no leite da bacia, leite da burra, e bendia tudo, sem mais detanças. Mas a mulher contou tudo no dia da consulta, na Associação, e foi um caso séro!

— Boa sorte tenho eu. A minha, 'bora mulher, é pedra. Tudo q'anto digo, cai ao rio. Cá o Toino, logo de prancipo, ensanou-a!

— Boa ideia, ó Toino da Maria. Pois esta noite vou exparmentar c'a minha!

E mudando de conversa os dois sapateiros fizeram as mercas e cada um afastou-se para seu lado.

II
QUANDO se foi deitar, para cumprir à risca o plano que estabelecera, o Toino da Maria, levou para a cama um ovo de galinha que escondeu com muito cuidado, sob os lençóis. A Elisa, sua digna cara-metade, não tardou também a recolher a «Vale de Lençóis», e a noite acompanhou-os num sono profundo.

Com o cantar do galo, acordaram. Enquanto a Elisa se espreguiçava, coçando com energia as costas, o Toino puxou pelo ovo e exclamou com cara de finório.

— Eh, Elisa! E esta! Um obo...

— Um obo, home?! Como raio aqui apar'ceu?!

— Cala o sino, mulher! Fui eu que o «puz»!...

— O quê?! Tens o demo no corpo ou o toutiço está escananhado?

— Que bergonha, que bergonha, mulher! E se aim fora o sabem... Ai que estou e'sgraçado, mulher! Vais jurar por todas as alminhas que já lá tão, que nada contas a ninguém.

— Oh, home! mas...

— Sim, mulher, que bergonha... jura, jura, alma santa!

— Tá bem, juro pelas alminhas dos mortos desde a minha avo p'ra cá, e pela saúde da inha mãe, que Deus Nosso Senhor, a Virgem Maria e Santo Custódio tenham em conta.

— Obrigado, mulher. Agora já posso ir às solas, a Sines, sem medo. Um obo... só a mim, mulher, só a mim...

— Deixa lá, Toino. Se forem enguais aos da galinha ainda os podemos bender!

E o Toino da Maria apanhando «a carreira» lá se foi

A Caricatura da Semana



Herminia Silva interpretada por Mário Norton.

Rigoreza exclusiva do RISO MUNDIAL

Reprodução proibida.

às solas, ansioso com o resultado da patranha que pregara à «que lhe ajudava a comer as sopas».

III
MAL o homem saíra, a Elisa não contendo a vontade de contar o fenómeno à vizinha, «pessoa séria e de toda a confiança», bateu-lhe na porta.

— Quem bate? — perguntaram de dentro.

— Aibra, que é a Elisa do Toino!

— Já bou, já bou... E a vizinha surgiu no limiar, olhando com a curiosidade particular de quem vai saber «novas».

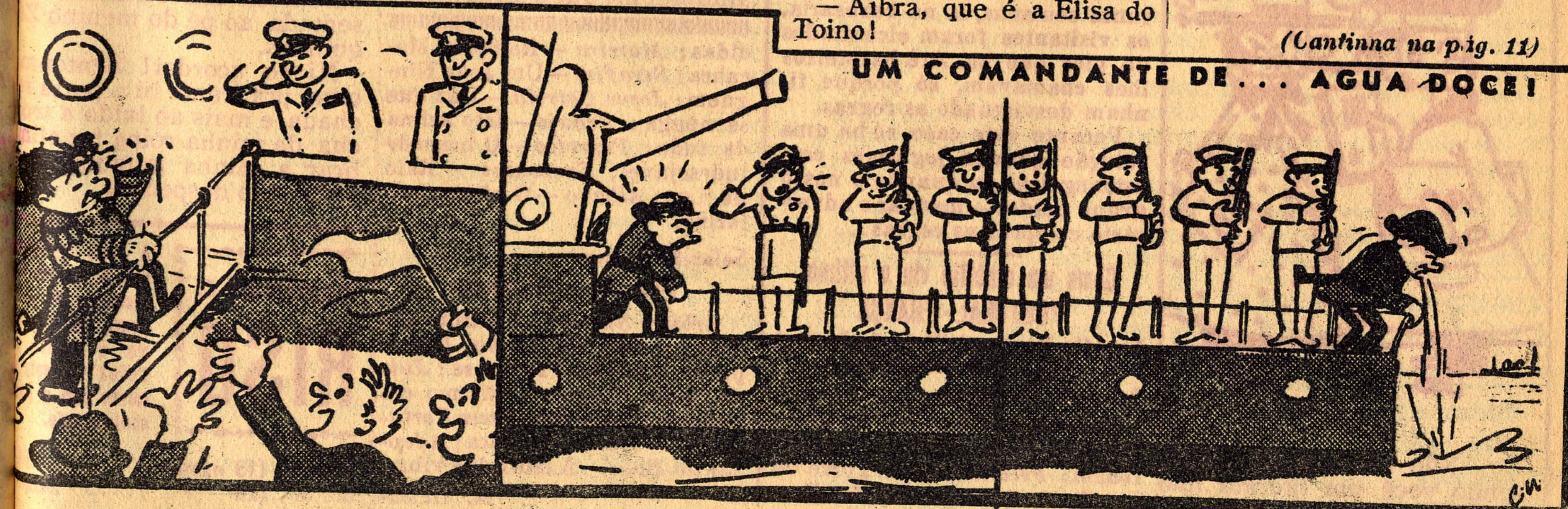
— Que a traz, ti'Elisa?

— Ai, não queira saber, ti'Engrácia... se vomecê prometer guardar segredo eu cá conto!

— Segredo em mim é porta fechada, pode contar à bonta-

(Cantina na p. 11)

UM COMANDANTE DE... AGUA DOCE!



Comprem as regras!...

Fala o **CHICO DO APITO**

MUITO se tem falado, escrito, blasfemado e até rido, a-propósito do que se passou com o Portugal-França e do que se está a passar com as pobres exibições dos nossos jogadores de futebol. Só quem anda medido nestes cafés da Baixa, onde os críticos e seleccionadores são à bicha, é que pode imaginar como Portugal é capaz de dar a camisa do corpo por um pontapé numa bola! Há menino que, em certos domingos, não janta só porque os «seus» não acertaram na borracha e há outros que até mudam de camisa quando a «rapaziada» foi jogar fóra e ainda por cima ganhou.

Mas, no fim de contas, quando se entra a mais no capítulo da derrota é que são elas! Não há profissionalismo... Os treinadores é que precisavam ser treinados... E mais isto e mais aquilo! Enfim, o mal é perder-se, porque quando se ganha bem vai a coisa... embora por esse País fora o entusiasmo pela bola seja cada vez maior!...

Ainda aqui há tempos veio a Lisboa um grupo de saloios dum aldeia do Alentejo que deliraram a ver um desafio de futebol. De tal maneira que quando chegaram à aldeola arranjaram uns palmos de terra, fizeram uma subscrição e mandaram vir da Capital uma bola e um livro com as regras. Durante uma semana, depois do trabalho, lá iam eles para o campo — em ceroulas e com os sapatos de ver a Deus — ouvir os ensinamentos dum dos tais que tinha visto como aquilo era em Lisboa. E todas as noites, a um canto da barbearia lá do sítio, aquela duzia de maduros se

juntava para, muito em silencio, ouvirem ler as regras e decorá-las.

Quando o grupo foi julgado apto a apresentar-se em público, escolheu-se um dia de festa e convidou-se um outro dum aldeia próxima, que já jogava «aquilo» ha ano e meio.

Houve musica e foguetes, toda a gente da aldeia correu cedo para o recinto do jogo e quando o seu grupo entrou em campo parecia o fim do mundo. Palmas, gritos, vivas, chapéus no ar... enfim, a aldeia ganhava naquele momento vinte anos de civilização.

Depois entraram os outros, o arbitro apitou com um apito muito roufenho e o jogo começou, perante o pasmo das gentes! E como por encanto, o grupo visitante apoderou-se da bola, esmagou o adversário e meteu um golo. Depois outro, e outro, e outro... até chegarem aos sete em pouco mais de dez minutos. Ninguém percebia nada do que estava a ver! Só sabiam que a aldeia estava a perder e por muitos...

Depois dos sete a bola veiu ao centro, começou a girar só entre os adversários e qual não é o espanto da turba quando o barbeiro da terra, que era o presidente do grupo, entra pelo campo dentro, agarra o esférico com as mãos ambas e proclama alto e bom som:

— Assim, nunca! Nós compramos as regras e lá diz que jogam vinte e dois. Parece-me que aqui só estão a jogar onze...

Foi novamente o fim do mundo! Entre a assistência desenvolveu-se uma tremenda cena de pancadaria, a banda de musica fugiu espavorida pelos campos fora, o homem dos foguetes rebentou-os todos dumavez e se os visitantes não se têm posto ao fresco com ligeireza, a triste aldeia alentejana — que vivia em paz e sossego... — tinha sido vítima dum catastrophe! E durante semanas, lá na barbearia, os visitantes foram alcunhados do pior que há. Até batoteiros lhes chamavam, só porque tinham desvirtuado as regras.

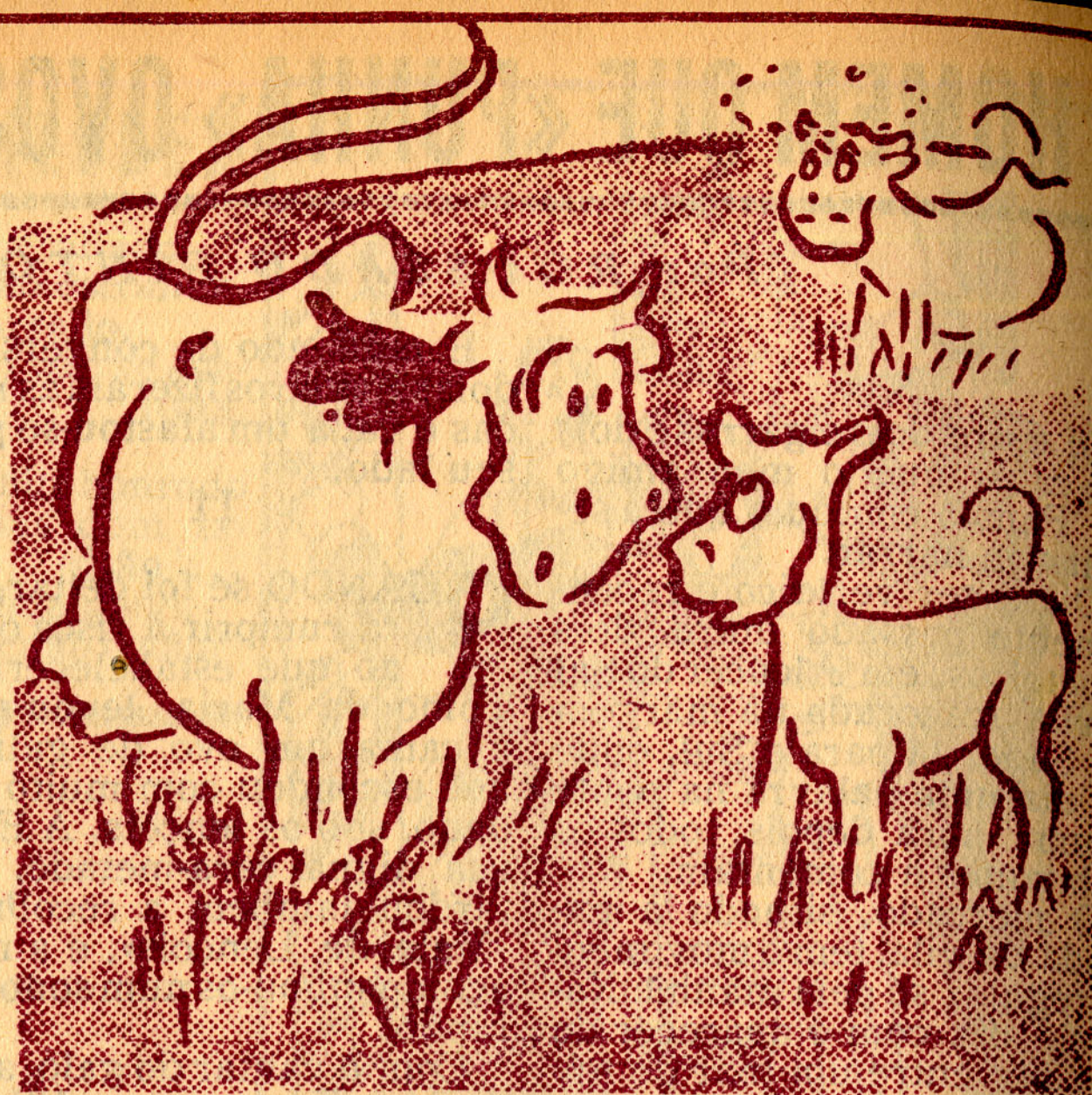
Perante este caso, só ha uma solução quando jogarmos com estrangeiros ou quando o nosso grupo perder — mandar o adversário comprar as regras...

Como um cinéfilo viu o último PORTUGAL - FRANÇA

Estádio Nacional (Vale de Jamor) VALE DO DESTINO

Seleção Portuguesa:

Azevedo — Chopin Imortal; Barrosa — Agarra-me esse fantasma; Feliciano — A Torre de Londres; Amaro — Ilusões Per-



— Meu filho, precisas de ser educado: não se deve atirar pedras aos outros.

— Eu sei, mamã, mas aquele sujeito chamou-lhe vaca!...

Página arrancada do diário de uma sopeira

Por **AMÉRICO JOSÉ GÍRIO**

UM DE JANÉRO

Alebanteime com uma preguiça dum rraio danado e cum umas doureges de barriga que nam sei praquê me fizeram alimberar do Manel cando comigo no dia trinta e um áquando arrecevi a mesada. Espregueceime, tomei banho em pinsamento e labei a cara. A minha chenoura lebantouce ao meio dia, mas comoera ainda muito chêdo botou-se oitra vez a dromir.

Aprubeitei e fui de carreira a prantar as choupas da manhã ao menino Zéquinhas quinda estava deitado ferrado a dromir. Sentem-me e como de costumem acomecei-lhe a fazer cocégas pru môr dele arribar. Acordou estermunhado, olhou prami e riuce prami, dizendo qui casába comigo. Com a Rósinha do seu curaçon — dizia ele.

Bi mesmo pra minha rica salvação que estava quâse a ser patrona seu quezece mas alimbrei-me que o menino não
 dadas; *Moreira* — Reliquia Macabra; *Serafim* — Um João Ninguém; *Jesus Correia* — Luz que se apaga; *Araujo* — Isto acima de tudo; *Peyroteo* — O hospede indesejavel; *Travassos* — Raio de Luz; *Albano* — O pirata bai-larino.

Seleção Francesa:

PODER E GLORIA!

Arbitro Suisso — A garota dos Alpes; *Juiz de Linha Português* — Ladrão, Precisa-se; *Juiz de Linha Francez* — Diz-mo em Francez; *Seleccionadores Portugueses* — Doidos à solta; *Adeptos da Bola* — A multidão vibra!

A. VIEIRA

tinha feturo degeto, nem sequer magala era. Priço esfrequo o meu amore por êle e esfream as choupas que estabam em cima da mesa de caveceira. Arretirei-me defrente pur causa das môscas, mas cando mia a boltar bati com o nariz na cara da minha chenoura que estaba ali áscuta. Botei os olhos no chão e bi cainda não estaba barrido; peguei na bassoura pra desfraçar. Cando julgava já tudo adesfraçado tibe a corá-gim dalebaniar os olhos, quiz avaichálos oitra vez mas a minha chenoura não me deu tempo e préguntou-me logo: A menina lá na sua terra savia cabar? Rispondi-lhe logo de prontinho que sim e a minha chenoura então dice-me: então cabe!

Cabei o corredor todo até um nadinha pra banda de lá da porta da rua e cando acavei de cabar ia pra entrar e acavei por lebar com a porta nas ventas. Cai de costas e adromeci. Em sonhos vi-me sentada ao pé do menino Zéquinhas.

Nisto acordei! Sentei-me olhei pra frente bi a porta fechada e mais ao laido a troicha da minha roipa fez alimbrar a minha mimoira, que tinha sido despedida.

assine o **RISO**

A todos os leitores que pretendam a assinatura do nosso jornal, bastará enviar a quantia em selos ou vale de correlo para a nossa administração.

8 meses (13 números).... 13\$00
6 » (26 »).... 26\$00



— Não compreendo que sendo você um literato não queira aceitar estas letras!

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

PREMIOS: 1.º 500\$00 - 2.º 250\$00 - 3.º 150\$00

E' concorrer, é concorrer... Todos os dias chegam à nossa redacção dezenas de cartas com quadras para este ultra-fantástico concurso. E' concorrer, leitor, que o praso está acabar e os prémios são tentadores!

QUADRA N.º 21

Conheci uma jovem tísica
De talento mui ilástica:
Por fim morre-me estérica,
Por fazer tanta ginástica...

Américo José Gírio

QUADRA N.º 22

Linda como nunca vi!
Era das mulheres a nata!
Com que graça ela se abaixa,
Aperta a pulga e a mata!

Nelson Barbosa

QUADRA N.º 23

Estás linda fica-te bem.
Gosto dessas popas altas;
A trança da tua mãe,
Fassempre um geitão... nas faltas

Gíriomana

QUADRA N.º 24

— Minha cara sograzinha:
Não bata mais, por favor,
Porque ao baixar a mãozinha
Pode-lhe dar uma dôr!

Manuel J. Palmeirim

QUADRA N.º 25

Avistei um vulto ao longe.
Parecia um touro Miura.
Mas não. Era a minha sogra
Que andava à minha procura.

D. Vicente

QUADRA N.º 26

A tua linda figura
O teu rosto aliciante;
Que bela caricatura
Numa revista picante!...

Américo José Gírio

SENHA Quadra
N.º

VOTO NA QUADRA N.º.....
NOME.....
LOCALIDADE.....

CONCURSO DE LEGENDA DO N.º 19

Coube ao Ex.º Sr. Domingos Rodrigues de Oliveira Vila Chã - Arcozêlo — VILA NOVA DE GAIA, cam a seguinte legenda:

Teu marido demora-se; se calhar já comeu a sopa...

O homem que "punha" ovos

(Continuação da pág. 9)

de. Juro-lhe por aqueles que a terra tem e Jesus conserba em juizo!

— Então, ouça...

E a Elisa que anciava por vomitar, contou com todos os pormenores o que se passara nessa manhã na sua cama.

— Um obo?! Não acredito, mulher!

— Nã acradita?... Pois bou-lhe mostrar!

E se bem o disse melhor o fez. Alguns segundos depois mostrava à senhora Engrácia mostrava à senhora Engrácia o ovo, que olhava aterrada e repelia a vizinha com gestos pouco agradecidos para quem lhe contava um caso de tal ordem.

— Tire isso da minha frente! Vomecê leve mas é as cuecas do seu Toino à bruxa, que algum 'spirito lhe entrou no corpo!

E bateu com a porta na cara da infeliz Elvira que voltou a casa. Pouco depois a senhora Engrácia contava à comadre,

a comadre ao mercieiro, o mercieiro aos clientes, até que toda a vila já comentava o caso.

IV

ERA pelas quatro horas quando a camioneta chegou. Durante todo o trajecto, o Toino da Maria, com as solas no colo, dava tratos à «cachimónia», ansioso por saber se «a sua Elisa» soubera guardar segredo.

Apeou-se, e enquanto colocava as solas às costas, desabou-lhe em cima, «como chuvada de picaretas», os gritos de todos quanto se achavam ali em conversa.

— Olha o põe ovos! Olha o põe ovos! Olha o põe ovos! Apanhado de surpresa, o Toino deixou cair os couros e olhou boquiaberto. Mas os ditos eram cada vez mais mordazes, e teve de fugir «a quatro pés» para casa. E dos beijos só lhe saiu uma frase:— Ah, maldita!...

Roussado Pinto

ESQUELETOS NO AR

ESQUELETO XII



O' do ramo quem quer laranjas boas!

Quem é?

1.º Prémio: 1.000\$00 2.º Prémio: 750\$00

3.º Prémio: 500\$00

Brevemente mais sensacionais prémios
Brevemente: CADERNETAS A' VENDA

Como se acusa e como se defende

(Continuação da pág. 4)

gastar a fêria na taberna em vez de a entregar toda inteira nas mãos da pobre mulher que passava todo o santo dia na lida da casa, mal se podendo mexer por causa dos maus tratos que recebia do marido. Além disso, a navalha de que o reu se serviu para perpetrar o nefando crime era de uso proibido e tinha ferrugem que metia raiva! O criminoso merece, pois, severo castigo!

Agora, prestemos atenção à brilhante defesa feita pelo referido advogado perante o mesmíssimo caso:

— Este desgraçado é digno de perdão. Quem teve a culpa foi o taberneiro que vendeu o vinho pois não soube deitar na bebida a quantidade de água suficiente para evitar os efeitos perniciosos do alcool. Além disso, a vítima era analfabeta e passava o santo dia a dormir, não se preocupando com a lida da casa e desprezando em absoluto as peugas por passajar, do marido. Peço, portanto, a absolvição do meu constituinte.

Como veem, acusação e defesa são duas coisas diferentes. Só o reu é que é o mesmo...

Dr.ª Sara Toga

A seguir: OS MISTÉRIOS DA ATMOSFERA.

RISO MUNDIAL

Redacção e Administração: RUA DE SANTANA (À LAPA), 15 — LISBOA * Composição e impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LDT., Trav. de S. Pedro, 9 Telefone 25893 * Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua da Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (à Lapa), 15 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Director (Interino) e Proprietário:
JERÓNIMO PITEUS DE SOUSA
Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO
Redactor principal: FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)

